Ñanduty
ISSN:2317-8590

Raça e língua: o antirracismo na formação de professores de inglês

Tiago José de Santana Silva (UNEAL[1] - tiagojose.academico@gmail.com)
Joyce Rodrigues da Silva Magalhães (UNEAL/UFAL - joyce.magalhaes@uneal.edu.br)

Resumo: A língua é capaz de cristalizar violências, tais quais o racismo. Para a psicanalista Kilomba, além da dimensão poética, a língua possui um viés político capaz de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade (Kilomba, 2019). Para o/a professor/a de inglês contemporâneo, entender que o racismo está presente também na língua (gem) é fundamental, pois, ao trazer a língua para o contexto escolar, ele/a também traz ideologias, narrativas e relações de poder presentes no imaginário social em volta dela. Neste trabalho, objetivamos implementar uma prática antirracista na formação de professores de inglês da UNEAL – Campus I e refletir sobre a relação entre racimo e linguagem e suas implicações na sala de aula. Buscamos contribuir significativamente para uma formação mais crítica, antirracista e decolonial. Fundamentamos as discussões nos trabalhos de Almeida (2019), Fanon (2008) e Munanga (2003), que discorrem sobre o racismo na sociedade; hooks (2017) e Troyna e Carrington (2012), que projetam suas perspectivas antirracistas na educação; Kilomba (2019), que pontua como a língua está intimamente ligada às questões raciais; e Rajagopalan (2010) e Moita Lopes (2006), que refletem sobre a origem e os desdobramentos da Linguística Aplicada e outros. Quanto à metodologia, trata-se de um relato de experiência realizado na Universidade Estadual de Alagoas, em Arapiraca-AL, e os participantes são estudantes do curso de Letras Inglês. Utilizamos os pilares da Teoria Racial Crítica definidos por Howard e Navarro (2016), destacando a valorização do conhecimento empírico (4), que representa os depoimentos. Os resultados sublinham a importância de uma formação docente que inclua reflexões acerca da língua e seu poder político. A língua inglesa, assim como qualquer outra, dissemina ideologias, estereótipos, expressões racistas, colonialistas, então professores e professoras precisam estar atentos para não contribuírem com esses preconceitos.

Palavras-chave: Linguística aplicada; racismo; teoria racial crítica.

Race and language: anti-racism in English teacher training

Abstract: Language is capable of crystalizing violence, such as racism. For scholar Kilomba, beyond the poetic dimension, language is covered by a political view that it is capable to create, to establish and to perpetuate power relationships and violence, because each word we use define a place of an identity (Kilomba, 2019). To the living english teachers, understanding that racism is also inside language is essential, because when they bring it to their classes, they also bring ideologies, narratives and power relationships inside its social imaginary. In this work, the goal is implementing an antiracist pedagogy in english teachers training from UNEAL – Campus I and reflecting about the relationship between racism and language and its implications on school classes. This work seeks to contribute significantly for a more critical, antiracist and decolonial graduation. The following discussions are based on words of Almeida (2019), Fanon (2008) and Munanga (2003), who talk about racism in society; hooks (2017) and Troyna and Carrington (2012), scholars that project their antiracist perspectives on education; Kilomba (2019), who points out how language is intimately linked to race issues; and Rajagopalan (2010) and Moita Lopes (2006), because both reflect about origin and growing of Applied Linguistics; and other ones. About methodology, it is an experience report happened in Universidade Estadual de Alagoas, in Arapiraca city – AL, and its participants are from the Modern Languages English, Campus I. The Critical Race Theory tenets defined by Howard and Navarro (2016) were utilized, specially the

[1] Atualmente, vinculado ao Programa de Residência Pedagógica/CAPES no campus III, UNEAL.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

value of empiric knowledge (4), because we focus on students reports. This research points out to the importance of an english teachers graduation that includes reflections about language and its political power. English language, as other ones, spreads ideologies, stereotypes, racist and colonialist expressions, so teachers must taking care for not contributing to these prejudices.

Keywords: Applied linguistics; racism; critical race theory.

Primeiras palavras

Dados da pesquisa do IBGE[2], de 2019, demonstram uma clara sub-representação do povo negro na esfera política. Apesar de representar 55,8% da população brasileira, homens e mulheres negras representaram apenas 24,4% dos deputados federais e 28,9% dos estaduais que se elegeram em 2018. Além disso, se compararmos a taxa de conclusão do Ensino Médio e frequência no Ensino Superior, o povo negro ainda não é bem representado, mas é maioria na taxa de analfabetismo. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea[3]) de 2016 mostram que as mulheres brancas recebem 70% a mais que as mulheres negras. Consonante a isso, o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial[4], em 2017, concluiu que há uma taxa de homicídio muito maior para pessoas negras. Todos esses dados são consequências de um país que, ainda que tenha assinado a Lei Áurea em 1888, continua profundamente enraizado em práticas, ideologias e estruturas racistas.

Somado a esses fatores, o racismo também se manifesta através de discursos, palavras, frases que usamos diariamente. A língua possui essa capacidade de cristalizar violências e perpetuar relações de poder (Kilomba, 2019). Assim, os atuais professores e professoras de inglês precisam compreender que quando trazem essa língua para o contexto escolar também estão trazendo narrativas, ideologias, relações de poder existentes no imaginário social em volta dela. Diante disso, procuramos refletir acerca das relações entre raça e língua no contexto da sala de aula de inglês a partir das narrativas de graduandos do curso de Letras Inglês.

Para concluir, este artigo está organizado em cinco seções: “O racismo nosso de cada dia”, onde explanamos o tema do racismo; posteriormente, “Eu não quero mais estudar na sua

[2] Dados disponíveis na página: BRASIL. IBGE. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. 2019.
[3] Dados disponíveis na página: FOBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública/ Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas da Violência, 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/atlas-2017 Acesso em: 16 mai. 2022.
[4] Dados disponíveis na página: BRASIL. Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial. Secretaria Nacional da Juventude/ Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Brasília, 2017. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2018/10/FBSP_Vulnerabilidade_Juveni_Violencia_Desigualdade_Racial_2017_Relat%C3%B3rio.pdf Acesso em: 16 mai. 2022.

escola que não conta a minha história", onde argumentamos a respeito da necessidade de uma formação antirracista na graduação; depois, explicamos a coleta de dados na "Metodologia"; fazemos análises na seção "Analisando relatos de professores de inglês em formação"; e, por fim, "O que percebemos diante dessas narrativas?", onde explicamos os resultados da pesquisa.

O racismo nosso de cada dia

Estados Unidos, 1926. "Eu, também[5]" é um poema bastante conhecido do escritor norte-americano Langston Hughes, no qual o autor relata um pouco da experiência de ser um homem negro na sociedade americana. Nele, encontramos os seguintes versos: "Eu sou o irmão mais escuro./ Eles me mandam comer na cozinha/ Quando vem a visita[6]", os quais denotam uma situação de desigualdade. O eu lírico fala, no poema, sobre não ser visto nem tratado, de fato, como cidadão. Hughes está nitidamente denunciando uma situação de desigualdade na sociedade norte americana vivenciada por pessoas negras.

Brasil, 2018. "Bluesman" é uma música interpretada pelo rapper e cantor brasileiro Baco Exu do Blues, onde o mesmo canta os seguintes versos: "Eles querem um preto com arma pra cima/ Num clipe na favela gritando 'Cocaína!'/ Querem que nossa pele seja a pele do crime/ Que Pantera Negra só seja um filme[7]", versos esses que, assim como o poema de Hughes, também comentam a experiência negra, mas dessa vez em solo brasileiro. Baco denuncia, em sua música, os estereótipos e a visão limitante que a sociedade brasileira impõe a pessoas negras.

Langston Hughes e Baco Exu do Blues são dois homens pretos vivenciando em épocas diferentes o mesmo problema: o racismo. Suas obras artísticas – a literatura e a música – são dois produtos engajados com a crítica à sociedade racista que, por séculos, beneficia de diversas formas mulheres e homens brancos. Propomos, então, uma discussão acerca de como o racismo está profundamente enraizado na sociedade. Para isso, inicialmente, faz-se necessária a compreensão do conceito de raça.

Munanga (2003) nos conta que o sentido de "raça" foi empregado nas ciências naturais para classificar animais, vegetais, e que, posteriormente, também serviu para classificar os seres

[5] Do original: "*I, too*"
[6] Do original: "*I am the darker brother./ They send me to eat in the kitchen/ When company comes*".
[7] Link do videoclipe disponível no canal do Youtube do cantor: https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw

humanos de acordo com suas diferenças fenotípicas. Porém, como explica o autor, essas diferenças fenotípicas foram utilizadas para hierarquizar os povos, definindo a raça branca como mais inteligente, mais apta a liderar, produtora de uma cultura superior, enquanto as outras raças foram tidas como o oposto disso. É importante retomarmos essa informação para entendermos que o imaginário social acerca do que as raças simbolizam atualmente não tem um caráter biológico, mas sim ideológico, uma vez que a existência das raças se apoia nas relações de poder definidas por grupos dominantes e que são sustentadas pelas diferentes esferas da sociedade (Ibidem).

Essa mudança na compreensão do conceito de raça é assim explicada pelo intelectual Almeida (2019: 18):

> Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional* e *histórico*. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.

Dito isso, o racismo é, então, definido como "(...) uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural" (Munanga, 2003: 8). A definição de Munanga pode ser exemplificada da seguinte forma: a relação entre o físico e moral se estabelece, entre outras situações, quando há no imaginário social a prerrogativa de que pessoas negras são naturalmente propensas à criminalidade e não são dignas de confiança; sobre a relação entre o físico e o intelecto, acontece quando esse mesmo imaginário social pressupõe que pessoas negras são menos capazes de produzir conhecimento, de contribuir intelectualmente para a sociedade, do que pessoas brancas; já a relação entre o físico e o cultural, é estabelecida, por exemplo, quando a sociedade julga que os elementos culturais, como os ritmos musicais criados e/ou popularizados por pessoas negras - o *reggae*, o *rap*, o samba, etc. – são inferiores aos ritmos criados pelos brancos. Isso também serve para o caso das religiões afro-brasileiras, Umbanda e Candomblé, que também são atingidas pelo racismo e pela intolerância.

Discutir e apontar o racismo na sociedade brasileira é essencial para que as pessoas tenham dimensão de como essa sociedade foi fundada baseada na opressão racial. Assim, poderemos perceber o racismo nosso de cada dia presente na linguagem (Kilomba, 2019; Fanon, 2008), no dia a dia escolar e nas universidades (hooks, 2017; Munanga, 2005), na

história da humanidade (Mbembe, 2014) e em como ela é contada para as futuras gerações (Nascimento, 2008), nas relações entre as forças do Estado e as populações negras de grandes cidades e na produção intelectual (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2018). Ter essa visão ampla acerca do racismo é fundamental para combatê-lo.

Falando sobre a situação das mulheres negras nas teorizações acerca de raça e gênero, Kilomba (2019) tece críticas em relação ao pensamento feminista, afirmando que este ainda é muito ocidentalizado, dominado por pensadoras brancas e que não considera a interseção entre raça e gênero, em grande parte das vezes. Além disso, a autora também questiona escritos que tratam do racismo sem dar a devida importância às relações entre o racismo e o sexismo, opressões que afetam duplamente as mulheres pretas. Assim, Kilomba (2019) disserta sobre algumas situações vivenciadas por mulheres negras como, por exemplo, quando produzem conhecimentos acadêmicos, mas são apontadas como enviesadas, não-objetivas, emocionais, não-científicas, situação essa em que sua produção intelectual é excluída, ignorada, menosprezada. Nesse sentido, feministas negras têm produzido saberes e movimentado as estruturas sociais questionando o protagonismo de mulheres e homens brancos, o apagamento de suas questões, além de estar se mobilizando de maneira que o movimento antirracista não reproduza a lógica patriarcal.

Tão importante quanto isso, é também falar sobre os impactos do patriarcado e do racismo nos homens negros. bell hooks (2015) chama a atenção para a construção que a sociedade racista faz da imagem dos homens negros caracterizando-os como seres que não servem para construir conhecimentos, pelo contrário, servem apenas como força de trabalho braçal. Isso, claro, está totalmente ligado ao histórico da escravidão no qual esses homens, juntamente com as mulheres negras, foram escravizados e obrigados a trabalhar nos serviços mais pesados, sendo humilhados e violentados. O que o patriarcado tem a ver com isso? Fanon (2008) assinala que o homem negro não é um homem, mas um homem negro. Com isso, Fanon nos mostra que o patriarcado não iguala homens negros a homens brancos, mas define a inferioridade dos negros. Assim, homens negros não ganham o mesmo lugar de destaque na profissão, na vida social, não têm a mesma acessibilidade, prestígio, validação e proteção que os homens brancos têm na sociedade. Não podemos esquecer que mulheres e homens brancos em parceria escravizaram pessoas negras no passado. Portanto, entendemos que não se podem traçar análises sobre os homens negros sem considerar os impactos do racismo e do patriarcado nestes.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

É relevante, por fim, destacarmos que os objetivos os quais se presta esse artigo estão em harmonia com a Base Nacional Comum Curricular (Doravante, BNCC). Nela, é recomendado o desenvolvimento integral dos estudantes, isto é, não apenas a cognição será focalizada, mas também as competências socioemocionais, como empatia, respeito à alteridade e o acolhimento da diversidade humana. Nesse sentido, abordar a temática do racismo no contexto da sala de aula de inglês é colaborar para a construção de uma comunidade escolar mais entendedora e mais sensível a essa temática.

"Eu não quero mais estudar na sua escola que não conta a minha história[8]"

Inicialmente, é importante relembrar a lei 10.639, que torna obrigatório o ensino das culturas e das histórias afro-brasileira e africana, além de inserir no calendário escolar o Dia da Consciência Negra. Essa foi uma conquista de grande importância para as lutas dos povos negros no Brasil. Dito isso, por que é importante falar no tema do racismo na escola? Como a sala de aula de língua inglesa pode se tornar um espaço de contribuição para a luta antirracista? E o que o inglês tem a ver com isso?

Comentando acerca da relação entre a língua inglesa, os Estados Unidos e a Inglaterra, é válido lembrarmos que, nos primórdios, a Linguística Aplicada foi instrumentalizada como uma ferramenta imperialista, uma vez que nos Estados Unidos se buscava aprender outras línguas com intenção de dominação; e na Inglaterra se exportava o inglês para o mundo a fim de recuperar o seu poder e influência (Rajagopalan, 2010). Esses países foram, historicamente, escravistas e utilizaram a língua inglesa para perpetuar a escravidão. Há, portanto, palavras, expressões, narrativas e estereótipos no imaginário social em volta do inglês que fazem justamente o papel de disseminar e cristalizar o racismo nas sociedades, pois, como Kilomba (2019) nos lembra, as línguas têm esse poder. Para exemplificar, temos a narrativa de que a história das pessoas negras só começa a partir da escravidão, narrativa essa que apaga totalmente as histórias de riqueza, produção intelectual e artística, conquistas, reinados, filosofias e organizações sociais das sociedades africanas antigas.

Assinalando a importância de trazer esse debate para o campo educacional, Gomes (2018), Munanga (2005) e Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018) chamam

[8] Trecho da música "Pedagoginga", do cantor e compositor Thiago El Niño. Link da música: https://youtu.be/lEM-zYi7hcs

atenção para o currículo educacional profundamente enraizado no colonialismo. Os autores supracitados destacam, entre outras coisas, que a produção de saberes toma como referencial a visão eurocêntrica, branca e que silencia o debate sobre racismo nas escolas. É necessário, portanto, que uma educação pautada no antirracismo seja colocada em prática. Troyna e Carrington (2012: 1) definem a educação antirracista como "uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional[9]". Logo, o antirracismo se baseia em ações concretas que, de fato, modifiquem a realidade educacional brasileira fundada na exclusão e no racismo.

Nesse sentido, a Linguística Aplicada abre espaço para que essa discussão aconteça nas universidades. Como nos lembra Moita Lopes (2006), a LA surgiu com interesse no ensino de línguas, porém, atualmente, não se limita a isso, pelo contrário, aborda as diversas questões que envolvem a língua (gem). Nesse sentido, a LA abre espaço para que possamos discutir a relação entre racismo, língua inglesa e o contexto da sala de aula por um viés crítico. Uma pedagogia crítica percebe no ambiente escolar as distintas formas sociais que constantemente se chocam, logo, não tem uma visão neutra acerca da realidade social (Pennycook, 2017). Localizamos, então, essa pesquisa na Linguística Aplicada reconhecendo seu caráter indisciplinar (Moita Lopes, 2006).

Ainda sobre o ensino crítico, Pennycook (2017: 297), um dos mais conhecidos linguistas aplicados, provoca-nos a pensar na construção de uma prática pedagógica que "ofereça melhores possibilidades para pessoas de cor, minorias étnicas, estudantes da classe trabalhadora, mulheres, gays e lésbicas, e outros", para que essas pessoas sejam bem-sucedidas em seus estudos e na vida, de forma geral. Assim, Pennycook (Ibidem) ilustra a capacidade motivadora e transformadora de uma pedagogia engajada no contexto da sala de aula. Para exemplificar, trabalhos como os dos pesquisadores brasileiros Gabriel Nascimento (2019) e Ferreira (2012) utilizam de práticas antirracistas, críticas e inclusivas no contexto escolar e acadêmico.

Em conclusão, destacamos a pedagogia engajada (hooks, 2017). bell hooks propõe que professores e professoras enxerguem a sala de aula como um espaço político, onde temas

[9] Do original: "refers to a wide range of organizational, curricular and pedagogical strategies which aim to promote racial equality and to eliminate attendant forms of discrimination and oppression, both individual and institutional".

Ñanduty
ISSN:2317-8590

socialmente relevantes, como o racismo, sejam discutidos com os estudantes. A autora incentiva, então, a construção de uma juventude que seja mais entendedora de questões sociais e com um olhar crítico mais amplo acerca da realidade.

Metodologia

Inicialmente, destaco essa pesquisa como qualitativa, que é, nas palavras de Denzin e Lincoln (2005: 3):

> uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Isso consiste em um conjunto de práticas materiais, interpretativas, que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo. Elas tornam o mundo uma série de representações, incluindo anotações de campo, entrevistas, conversações, fotografias, gravações, e memorandos para si mesmo[10].

A pesquisa qualitativa é, portanto, interpretativa e, além disso, não privilegia um método ou prática específica, pelo contrário, pode utilizar das múltiplas formas e perspectivas de análise. Isto significa, por exemplo, que o pesquisador pode trazer os saberes das mais diversas linhas de pensamento para sua análise, por exemplo, a Teoria Racial Crítica (Doravante, TRC), os estudos culturais, o Mulherismo Africana[11], a psicanálise, etc. A pesquisa qualitativa permite essa abrangência justamente por entender a complexidade das vivências humanas e, portanto, diferentes perspectivas possibilitam que o pesquisador compreenda melhor a realidade sob a qual está debruçado (Denzin; Lincoln, 2005).

Além disso, esta pesquisa está amparada nos alicerces teóricos da Teoria Racial Crítica, uma teoria empregada na área do Direito, a priori, mas adaptada para a educação por Ladson-Billings e Tate (1995). No Brasil, há vários trabalhos que se utilizam dela (Gabriel Nascimento, 2019; Santos, Colc, 2021; Silva, 2019), assim como no exterior (Dixson, Anderson, 2018; Howard, Navarro, 2016; Ladson-Billings, 1998). Ainda que as pesquisas não sigam sempre os mesmos pilares teóricos, seguiremos aqueles definidos por Howard e Navarro (2016):

[10] Do original: "(…) is a situated activity that locates the observer in the world. It consists of a set of interpretive, material practices that makes the world visible. These practices transform the world. They turn the world into a series of representations, including field notes, interviews, conversations, photographs, recordings, and memos to the self".

[11] O termo foi criado pela intelectual Cleonora Hudson e diz respeito a uma linha de pensamento afrocêntrica que coloca as demandas das populações africanas e afrodiaspóricas no centro de suas análises. No Brasil, pensadoras como Aza Njeri e Katiúscia Ribeiro colaboram bastante para a produção e disseminação de conhecimentos dessa área.

1. A centralidade da raça e do racismo – Todas as pesquisas da TRC no âmbito da educação precisam centralizar a raça e o racismo, incluindo interseções com outras formas de subordinação como gênero, classe e cidadania;
2. Desafiar a perspectiva dominante – As pesquisas da TRC trabalham para desafiar as narrativas dominantes e recolocar no centro as perspectivas marginalizadas;
3. Compromisso com a justiça social – As pesquisas da TRC precisam sempre estar motivadas por uma agenda de justiça social;
4. Valorização do conhecimento empírico – A TRC constrói tradições orais de muitas comunidades indígenas ao redor do mundo. As pesquisas da TRC centralizam as narrativas de pessoas de cor quando tentam compreender a desigualdade social;
5. Interdisciplinaridade – Os estudiosos da TRC acreditam que o mundo é multidimensional e, da mesma forma, as pesquisas sobre o mundo devem refletir múltiplas perspectivas;

Falando sobre o *corpus* de análise deste manuscrito, retiramos de discussões ocorridas em uma *aula online* que aconteceu no dia 3 de novembro de 2022, no horário das 19hrs às 22:30 hrs, que teve como tema “Raça, língua inglesa e racismo”. Com essa aula, objetivávamos: (1) Conhecer e refletir acerca da origem de alguns termos e expressões racistas presentes na língua inglesa; (2) Desenvolver o senso crítico sobre a relação entre a língua inglesa e as culturas dessa sociedade; (3) Compartilhar experiências a respeito da temática raça e pensar coletivamente soluções para agir de maneira antirracista no ambiente escolar.

Em relação às/aos 14 participantes da pesquisa, são discentes da Universidade Estadual de Alagoas, sendo apenas 2 negras/os e as/os outras/os, brancas/os. Sobre o funcionamento da aula, ela foi organizada para ser efetivada totalmente em língua inglesa, entretanto, em alguns momentos, os estudantes puderam utilizar a língua materna para se expressar.

Analisando relatos de professores de inglês em formação

Inicialmente, é importante informarmos que selecionamos apenas algumas falas, dentre todas as interações, para analisar. Elas foram escolhidas por trazerem temas relevantes para a discussão. Dito isso, prossigamos para a análise.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

O primeiro passo foi propor aos estudantes que eles criassem uma nuvem de palavras a respeito do que pensavam sobre o racismo. Para isso, foi utilizado o aplicativo *Mentimeter,* no qual cada um adicionou três palavras. O resultado pode ser visto na figura abaixo:

Figura 1 – Nuvem de palavras gerada no app *Mentimeter*.



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir das respostas dos estudantes, tivemos uma primeira impressão do que eles pensavam a respeito do racismo. Palavras como "*horrible*", "*prejudice*", "*crime*" e "*bad*" indicam a percepção do racismo como algo negativo, um preconceito, inclusive, um crime. As outras definições que encontramos na nuvem de palavras, como "*disgusting*", "*nonsense*", "*disrespectful*" e "*evil*", também caracterizam o racismo como um desrespeito, algo maléfico.

Trazer essa dinâmica para a turma possibilitou que uma visão primeira acerca do que os estudantes pensavam sobre o racismo fosse criada. Afinal, ensinar/aprender uma língua é considerar o conhecimento de mundo que o outro traz. Pennycook (2017) nos fala sobre a possibilidade de desenvolver a criticidade na sala de aula a partir dos conhecimentos, culturas e histórias das/os estudantes.

Posteriormente, propusemos dinâmicas nas quais aprofundamos as questões relativas ao racismo, a relação entre este, a língua inglesa e o contexto da sala de aula. Neste ponto da análise, destrincharemos algumas falas que os estudantes fizeram durante a aula. Percebemos o potencial dessas falas e a importância dos temas que elas trouxeram para a discussão na aula.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

A priori, é pertinente expor um questionamento feito por um dos estudantes na aula. Segue a dúvida do estudante Raví [12]sobre o racismo estrutural:

> Então, como você trataria a questão do, do racismo estrutural, tipo **até que ponto nós poderíamos tratar isso como sendo uma... Como é que eu posso dizer, uma força, sabe, uma coisa assim, como se fosse uma pessoa que a gente culpabiliza, sabe?** Ao invés de nos culparmos pelo nosso próprio comportamento, que é racista, ás vezes, e tentarmos nos corrigir e acabar jogando a culpa nesse racismo estrutural, sabe? Numa coisa que "ai, não veio de mim", uma coisa que veio, sabe, até que ponto isso é... Aceitável, sabe, essa explicação? (Comentário de Raví, Homem Branco)

Sobre essa questão, em um texto[13] postado na revista de cultura, artes e ideias Estado da Arte, o filósofo Érico Andrade afirma que o conceito de "racismo estrutural" é útil para que possamos perceber a maneira como a sociedade foi estruturada de forma a manter cristalizadas as hierarquias racistas presentes no período colonial. Para o filósofo, o conceito de "racismo estrutural" não busca apontar um indivíduo responsável pelo racismo, diferente disso, "a sua função é indicar que as estruturas de poder pouco fizeram para que o racismo, que marcou e marca a espoliação do corpo negro, ganhasse outro destino". Perceber onde e como o racismo age no contexto da sala de aula, por exemplo, é fundamental para podermos agir de maneira a reverter essa situação.

Assim, a perspectiva do racismo como um problema estrutural nos orienta a uma percepção histórica, sociocultural e política acerca do problema. Essa perspectiva exige que as pessoas assumam uma postura antirracista, isto é, que apontem e combatam o racismo presente nas mais diversas esferas da sociedade. Nesse sentido, um ótimo exemplo literário que questiona o eurocentrismo e as estruturas racistas é o romance Americanah, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2014). Nele, Chimamanda nos apresenta a personagem Ifemelu, uma mulher negra nascida na Nigéria, mas que se muda para os Estados Unidos, motivada pelos estudos. No decorrer da narrativa, a personagem se defronta com diversas questões da sociedade estadunidense relacionadas à raça e ao racismo, como, por exemplo, o uso de seus cabelos crespos e a preferência da sociedade por cabelos lisos.

Para continuar a análise, traremos a fala de um estudante relativa a uma dinâmica trazida na aula. Funcionou da seguinte forma: apresentamos uma situação-problema na qual o racismo

[12] Todos os nomes dos participantes que se encontram nessa pesquisa são fictícios para preservar sua identidade.
[13] Texto completo disponível na Revista Estado da Arte, revista de cultura, artes e ideias, em: https://estadodaarte.estadao.com.br/racismo-estrutural-linguagem-erico-andrade/ Acesso em: 16 mai. 2022.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

está presente e pedimos que os estudantes se imaginassem no papel de professor e, a partir disso, propusessem alternativas para minimizar os impactos ou resolver a situação. Segue a situação-problema:

> Two students are discussing. Obinze is Black and Kayque is Indigenous. Obinze says "Come back to your tribe!". After that, Kayque responds: "You, come back to favela".

Diante da situação, o estudante Marlon fez um apontamento interessante:

> É uma observação a respeito desse texto aqui, é... **Porque há uma situação de revide, né, quando...Fala "Vá na tua favela", "Vá na tua tribo" e o outro diz "Vai tu na tua favela! Volta tu pra tua favela".** Então, é, é uma situação realmente complicada e o professor, ele tem que ser treinado, né, pra... É... Tentar resolver uma situação como essa dentro da sala dele, realmente, só um especialista na área, **quem leu muito, quem está lendo muito a respeito de um, da temática** como essa é que sabe, é que vai saber a melhor maneira de... **Acalmar os ânimos entre os dois** e direcionar, é... A melhor resposta pra eles (Comentário de Marlon, Homem Branco).

Marlon explica, em seu comentário, que os garotos da situação-problema estão "revidando" as ofensas lançadas de um para o outro. A esse respeito, a psicanalista Souza (1983) dissertou sobre a assimilação de pessoas negras brasileiras aos padrões brancos, chamando atenção para a submissão ideológica por parte de muitas pessoas negras e como isso acaba sendo uma estratégia para tentar ascender socialmente. Negar e/ou inferiorizar as identidades não-brancas faz parte da ideologia racista amplamente disseminada no Brasil e atinge desde os mais velhos até as gerações mais jovens. Também percebemos que quando um dos garotos diz: "Volta pra sua tribo!", ele está definindo o lugar "natural" onde os indígenas deveriam estar, como se a escola não fosse um lugar adequado para o colega. Da mesma forma, a resposta "Volta pra tua favela!", também estabelece essa relação entre um grupo racial e seu local geográfico dito "natural". Ao fazer isso, remontam-se os estereótipos coloniais.

É pertinente, pois, relembrar as atrocidades escravistas cometidas por pessoas brancas e que colaboraram para esses conflitos entre as raças. Abdias do Nascimento (1978) disserta sobre a desumanização da mulher e do homem pretos. O autor destaca como os processos de dominação cultural, escravização, assassinatos de milhões de africanos e o roubo das riquezas africanas articularam a negação da humanidade dos corpos negros, africanos. A crueldade europeia e branca desumanizou os corpos africanos atacando aspectos primordiais como suas línguas, sua espiritualidade, sua produção artístico-cultural, suas riquezas naturais, etc.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Sobre a situação dos povos indígenas atualmente, em uma entrevista[14] à equipe do Amazoniar, uma iniciativa do IPAM (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), a ativista indígena Txai Suruí aponta alguns dos principais problemas que afetam as comunidades indígenas no Brasil, como o desmatamento, o garimpo, políticas anti-meio ambiente e anti-indígenas. Essas questões, segundo a ativista, fragilizam a situação dos povos indígenas e também as questões climáticas. Os povos indígenas, assim como os povos negros, também tiveram milhares de pessoas dizimadas ao longo da História. Além disso, a discriminação racial afeta os povos indígenas ainda hoje.

Nesse ponto da análise, é pertinente comentarmos a respeito de um dos grandes obstáculos que dificultam o entendimento do racismo brasileiro: o mito da democracia racial. Segundo Almeida (2019: 109):

> Enquanto na África do Sul e nos Estados Unidos, que, com as devidas distinções, estruturavam juridicamente a segregação da população negra, mesmo no avançar do século XX – no caso da África do Sul, até 1994 –, no Brasil, a ideologia do racismo científico foi substituída a partir dos anos 1930 pela ideologia da democracia racial, que consiste em afirmar a miscigenação como uma das características básicas da identidade nacional, como algo moralmente aceito em todos os níveis da sociedade, inclusive pela classe dominante. Assim, ao contrário de países como os Estados Unidos, nunca se instalara no Brasil uma dinâmica de conflitos baseados na raça.

Logo, como Almeida (Ibidem) explica, a ideologia da democracia racial foi disseminada no Brasil estrategicamente, mascarando a realidade racial conflituosa que persiste até a contemporaneidade. A situação-problema apresentada, por exemplo, demonstra como o racismo está presente na sociedade brasileira, mesmo que muitas vezes não seja explícito o fator racial. Além disso, falando do racismo do Brasil, Almeida (2019: 120) ainda pontua que "(...) até mesmo os desenvolvimentistas "progressistas" silenciam sobre a questão racial e, mais do que isso, como incorporam o discurso da democracia racial e da "mestiçagem" de forma acrítica". Para o autor, algumas dessas pessoas pensam que abordar o tema do racismo e das raças é uma atitude que pode dividir a sociedade.

Para continuar a análise, traremos o depoimento da estudante Hadassa. Ela disse:

> Enquanto cês tavam falando aí, enquanto o [professor] tava falando aí dessa questão da novela, essas coisas, eu lembrei de uma professora que eu tive no ensino médio, **uma professora de português. Ela é negra** e o marido dela é branco. E aí, eles tiveram uma

[14] Texto disponível no site IPAM, Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, em: http://ipam.org.br/

> filha. Não sei se tinham outros filhos, mas na época eu lembro dela comentar isso. **A filha dela é branca** e aí ela contou uma ocasião em que os dois tavam viajando e estavam só, nessa ocasião, ela e a filha, e aí, chegou uma outra pessoa, não sei se era uma pessoa... E disse, é... **Pensou que ela era, tipo, babá, alguma empregada da família**. E aí, foi quando a professora disse "Não, ela é minha filha", e aí, a mulher disse "Ah, você adotou ela", e ela "Não, eu gerei ela. (Comentário de Hadassa, Mulher Branca)

Lima (2005) fez uma análise das representações ilustrativas de personagens negros na literatura infanto-juvenil e concluiu que muitos exemplificam estereótipos racistas presentes na sociedade brasileira, onde um deles é justamente o da empregada doméstica. A autora pontua o poder que as ilustrações literárias produzem sob o imaginário social acerca de pessoas negras. Assim, Lima (Ibidem: 101) afirma:

> Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo.

Assim, façamos a análise da situação relatada pela estudante Hadassa. O imaginário social brasileiro já cristalizou a imagem de mulheres negras, tal qual a professora que Hadassa mencionou, como empregadas domésticas, babás, ou seja, num lugar de quem está servindo a uma pessoa branca. Na situação mencionada, inicialmente, a professora negra não é vista como mãe da criança branca, mas como sua empregada. Compreendemos, obviamente, a importância das empregadas domésticas e das babás, porém reconhecemos que as estruturas sociais inviabilizam que mulheres negras tenham acesso a empregos mais rentáveis. Almeida (2019) comenta a situação das mulheres negras no Brasil afirmando que elas recebem os salários mais baixos e que são levadas a empregos com menos prestígio social. Isto ilustra o lugar que as mulheres negras ocupam no imaginário social brasileiro e que, provavelmente, também ocupam no imaginário da mulher que pensou que a professora de Hadassa era uma empregada doméstica.

Para concluir, a estudante Zendaya compartilhou um depoimento sobre seu pai. Ela diz:

> Quando era criança, o meu pai, ele é vendedor de tapioca. Aí imagine: **meu pai é negro, pobre e era vendedor de tapioca**. A gente não tinha nada, tudo o que a gente sobrevivia era com o dinheirinho da tapioca que ele vendia, inclusive, hoje em dia, eu bato no peito com muito orgulho e digo que o meu pai é vendedor de tapioca, porque, **na infância,**

> **teve um, um garoto branco** que, por ironia do destino, veio a trabalhar comigo, hoje em dia, mas que **ele vivia rindo do meu pai, falando que meu pai era o preto tapioqueiro e isso me fazia muito mal. Chorava bastante.** Acho eu é por isso que quando falava assim de questão do racismo, eu me emociono, porque eu sofri muito com isso, eu, **eu cheguei a ter vergonha do meu pai, e isso dói muito,** entendeu? Dói muito porque meu pai é a pessoa mais maravilhosa do mundo, é a pessoa mais honesta do mundo e... O meu pai, ele, o menino me seguia no caminho da escola todinho falando que o meu pai era um preto tapioqueiro e tipo **eu chorava, eu me escondia, eu tinha vergonha** (Comentário de Zendaya, Mulher Parda).

Com bell hooks (2015), compreendemos que a mídia controlada por pessoas brancas dissemina e ajuda a cristalizar a figura dos homens negros como seres sem sensibilidade, indignos, marginais, violentos, incapazes de cuidar de suas famílias, inferiores, ao passo que os homens brancos representam as virtudes, a estabilidade financeira, o pensamento crítico, etc. Na situação vivenciada por Zendaya, por exemplo, o pai dela é afetado por todos esses estereótipos. Além disso, a autora traz para a discussão a questão do analfabetismo, situação muito presente no grupo de meninos e homens negros. Apesar de comentar sobre a realidade estadunidense, as palavras da autora também definem a sociedade brasileira, que falha na escolarização de meninos pretos e pardos, o que dificulta que estes concluam seus estudos, que sejam capacitados para empregos bem remunerados e até possam construir seus próprios negócios. O pai de Zendaya é também um desses homens que não puderam ser totalmente escolarizados e que, além de preto, é também pobre.

O que percebemos diante dessas narrativas?

Com essa pesquisa, pretendemos refletir acerca da relação entre língua inglesa, raça e racismo no contexto da sala de aula. Para isso, utilizamos algumas dinâmicas, como as situações-problemas e buscamos levar os estudantes a perceberem o racismo presente no nosso ambiente: a escola. Os estudantes puderam perceber em seu cotidiano algumas situações racistas e seus relatos demonstram como pensamentos que parecem simples estão interligados a ideologias racistas e colonialistas. Concluímos, portanto, reafirmando a necessidade de que a formação de professores de língua inglesa inclua reflexões acerca da língua e o poder político que esta pode assumir. A língua inglesa, assim como qualquer outra, dissemina ideologias, estereótipos, expressões racistas/colonialistas, então os professores e professoras precisam estar atentos para não contribuírem com esses preconceitos.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. 2014. *Americanah*. 1ª ed. Tradução de Julia Romeu. São Paulo, Companhia das Letras.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. 2019. *Racismo estrutural.* 1ª ed. São Paulo, Jandaíra.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. Introdução. 2018. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, p.9-26.

BRASIL. Ministério da Educação. 2018. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. 2005. *Handbook of qualitative research*. 3ª ed. London, Sage Publications.

DIXSON, Adrienne D; ANDERSON C. Rousseau. 2018. "Where are We? Critical Race Theory in Education 20 Years Later". *Peabody Journal of Education*, 93(1):121-131.

FANON, Frantz. 2008. *Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas)*. Bahia, Editora da Universidade da Bahia.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. 2012. "Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. Antiracist education and classroom practices: a matter of teachers training". *Revista de Educação Pública*, 21(46):275-288.

GOMES, Nilma. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. 2018. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, p.226-246.

hooks, bell. 2017. *Ensinando a transgredir: uma educação como prática da liberdade*. 1ª ed. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Editora Martins Fontes.

hooks, bell. 2015. "Escolarizando homens negros". *Revista Estudos Feministas*, 23(3): 677-689.

HOWARD, Tyrone C; NAVARRO, Oscar. 2016. "Critical Race Theory 20 Years Later: Where Do We Go From Here?". *Urban Education,* Nashville, 51 (3):253-273.

KILOMBA, Grada. 2019. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1ª ed. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó.

LADSON-BILLINGS, Gloria; TATE IV. William F. 1995. "Toward a Critical Race Theory of Education". *Teachers College Record,* Nova York, 97(1): 47-68.

LADSON-BILLINGS, Gloria. 1998. "Just what is critical race theory and what's it doing in a nice field like education?". *International Journal of Qualitative Studies in Education*, Nova York, 11 (1): 7-24.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

LIMA, Heloisa Pires. 2005. “Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil”. In: MUNANGA, K. (Org.). *Superando o Racismo na escola*. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 101-115.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. 2006. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial. p. 11-24.

MBEMBE, Achille. 2014. *Crítica da razão negra.* Lisboa, Antígona.

MUNANGA, Kabengele. 2003. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia/.

MUNANGA, Kabengele. 2005. Apresentação. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). *Superando o Racismo na escola*. 2ª ed. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p.15-20.

NASCIMENTO, Abdias do. 1978. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra S/A.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. 2008. “Sankofa: significados e intenções”. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). *Sankofa: a matriz africana no mundo*. São Paulo, Selo Negro, p.29-54.

NASCIMENTO, Gabriel. 2019. “Ethnicity and race in english language activities at a university in Bahia”. *Cadernos de Pesquisa*, 49(173):208-224.

PENNYCOOK, Alastair. 2017. *The cultural politics of English as an international language*. London, Routledge.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2010. “Uma linguística aplicada plenamente emancipada: um sonho ou uma perspectiva concreta?”. *Linguagem em foco*, 2(2).

SANTOS, Eric Silva dos; COLC, Kelvin Tadeu Russi. 2021. “Bichas pretas e o Letramento Racial Crítico – devires em sala de aula”. *Mandinga*, 5(2).

SILVA, Tarcízio. 2019. “Teoria racial crítica e comunicação digital: conexões contra a dupla opacidade”. Anais do 42ª Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belém, Pará, 2019. São Paulo, Intercom, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. 1983. *Tornar-se negro: as vissitudes da identidade do negro brasileiro em ascenção social*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora Graal, 4v.

TROYNA, Barry; CARRINGTON, Bruce. 2012. *Education, racism and reform*. London, Routledge, 123v.